

Eraldo Medeiros Costa Neto

Elis Rejane Santana da Silva

(Organizadores)

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora
Ano 2022



Eraldo Medeiros Costa Neto

Elis Rejane Santana da Silva

(Organizadores)

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora

Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagem da capa

Ian de Melo Freitas

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^o Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^o Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^o Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



Ecologia espiritual: integrando natureza, humanidades e espiritualidades

Diagramação: Gabriel Motomu Teshima
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Eraldo Medeiros Costa Neto
Elis Rejane Santana da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E19 Ecologia espiritual: integrando natureza, humanidades e espiritualidades / Organizadores Eraldo Medeiros Costa Neto, Elis Rejane Santana da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-935-3
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.353221802>

1. Espiritualidade. 2. Ecologia espiritual. 3. Natureza. I. Costa Neto, Eraldo Medeiros (Organizador). II. Silva, Elis Rejane Santana da (Organizadora). III. Título.

CDD 248.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Dedicado a todos e todas que almejam construir uma Nova Terra, reconhecidamente majestosa, irmanados na convivência harmoniosa com os seres que vivem em suas diferentes dimensões.

PREFÁCIO

O presente livro é uma ação e organização de membros do grupo de pesquisa “Ecologia Espiritual: integrando Natureza, Humanidades e Espiritualidades”, da Universidade Estadual de Feira de Santana, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), ligado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O livro tem por organizadores os professores Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS) e Dra. Elis Rejane Santana da Silva (UNEB, *Campus 3*), com a colaboração de diversos pesquisadores, de diferentes instituições de ensino superior, os quais vêm demonstrando interesse e ações no campo interdisciplinar da ciência, com foco na busca e compreensão da relação do universo espiritual com o universo natural, dentro da temática da Ecologia Espiritual. Aproveitamos esse momento para parabenizar tanto os organizadores quanto os demais autores dessa obra literária tão importante no atual momento que vivemos na ciência e academia, parabenizar pela determinação e ousadia em quebrar os paradigmas cartesianos e fechados da ciência tradicional, e por evidenciar que a ciência é um campo aberto e que nela podemos ter diferentes diálogos, diferentes olhares, diferentes percepções e diferentes atores sociais envolvidos.

O livro está organizado em quatro partes: 1) Ecologia, Espiritualidades e Conservação da Natureza; 2) Ecologia Espiritual na vertente de uma Ciência Ecocentrada; 3) Conexões com os Seres Elementais; e 4) Ecologia Espiritual e Saúde Integral. Os capítulos distribuídos nessas quatro partes apresentam diferentes olhares no contexto da Ecologia Espiritual, com reflexões sobre possíveis caminhos a serem trilhados pelo grupo de pesquisa, formado junto ao CNPq em março de 2021. Os autores destacam, entre outras coisas: a tentativa de extermínio da percepção da Terra como a Grande Mãe, como vetor, embora não isolado, da separação ser humano-Natureza; correntes de pensamento integrativo onde o ser humano não está apartado da Natureza, mas dela é elemento; e desafios e possíveis caminhos para que a Ecologia Espiritual auxilie na reunificação ou reconexão do ser humano com a Natureza.

Sobre a Ecologia Espiritual, podemos encontrar afirmações e explicações interessantes, como as que seguem, extraídas do livro “Ecologia Espiritual: o choro da Terra” (The Golden Sufi Center, 2013), editado por Llewellyn Vaughan-Lee, no qual temos textos de escritores, filósofos e mestres espirituais:

“Se é para nós restaurarmos o equilíbrio em nosso planeta, nós precisamos ir além da superfície para curar a separação entre espírito e matéria e assim contribuir em trazer o sagrado de volta à vida.”

“A Ecologia Espiritual é uma resposta espiritual à presente crise ecológica. Este campo em desenvolvimento une ecologia com a consciência do sagrado existente na criação, firmando uma nova forma de se relacionar no mundo”.

"A Ecologia Espiritual propõe que as realidades físicas da crise ecológica que vivenciamos – desde os fenômenos de alteração climática ao consumismo exacerbado e poluição das águas, ar e solo, refletem uma realidade mais profunda, a da crise espiritual".

Diante da importância dessa área da ciência e de toda a contribuição que a Ecologia Espiritual pode trazer para auxiliar no entendimento e busca por soluções das crises ambientais que o mundo vem passando, inclusive com impactos na vida emocional, pessoal, social, familiar e espiritual de cada pessoa, que referendamos o presente livro, o qual chega em hora muito oportuna para fazer eco e propagar essa realidade, que tem sido negligenciada por muitos. Precisamos nos reconectar com a natureza e salvá-la enquanto temos tempo. Essa reconexão também passa pelo respeito e proteção dos povos indígenas e populações tradicionais, os quais são os guardiões da natureza e vêm passando por diversos e complexos momentos de destruição de suas culturas e formas de viver, assim como suas conexões com a natureza.

Outro ponto a ser destacado no presente livro é seu caráter internacional, pois temos capítulos de pesquisadores de países como Argentina, Canadá, Colômbia, Equador e Estados Unidos, evidenciando que a temática da Ecologia Espiritual está sendo observada, discutida e desenvolvida em várias partes do mundo. Nesse contexto, o Brasil tem como colaborar fortemente nesse universo, em virtude da gigantesca diversidade biológica e cultural que temos em nosso país, em suas diversas regiões, com uma ampla heterogeneidade cultural, étnica, social e econômica, aliadas e relacionadas aos diferentes biomas como a Amazônia, Caatinga, Cerrado, entre outros, e em cada um deles, a presença marcante da espiritualidade com seus mitos e lendas, dos quais, muitos são relacionados com a proteção dos ecossistemas e sua biodiversidade.

Esse livro também contribuirá com a formação acadêmica de alunos, professores e pesquisadores que se interessem pela área da Ecologia Espiritual, fortalecendo assim o contexto da mesma como uma ciência séria, e que vem para somar com resultados robustos e necessários para enfrentar os problemas atuais da sociedade.

Termino deixando meus imensos parabéns aos organizadores e autores do livro "Ecologia Espiritual: integrando Natureza, Humanidades e Espiritualidades", e desejo que o mesmo possa promover uma reconexão espiritual e natural de cada pessoa, cada leitor que tiver contato com o mesmo.

Reinaldo Farias Paiva de Lucena
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande, 05 de novembro de 2021

SUMÁRIO

PARTE I - ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADES E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

CAPÍTULO 1..... 1

ECOLOGIA ESPIRITUAL: REFLEXÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS INTEGRATIVOS

Eraldo Medeiros Costa Neto

Paula Chamy

Claudia Nunes-Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218021>

CAPÍTULO 2..... 17

SPIRITUAL ECOLOGY: RECONNECTING WITH NATURE

Leslie E. Sponsel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218022>

CAPÍTULO 3..... 36

COSMOPERCEPÇÕES SOBRE AS SERPENTES

Jamille Ferreira Marques

Geraldo Jorge Barbosa de Moura

Moacir Santos Tinoco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218023>

CAPÍTULO 4..... 46

A BUSCA DO ELO PERDIDO PARA A RECONEXÃO SOCIEDADE E NATUREZA E O PAPEL DOS SÍTIOS NATURAIS SAGRADOS

Érika Fernandes-Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218024>

PARTE II - ECOLOGIA ESPIRITUAL NA VERTENTE DE UMA CIÊNCIA ECOCENTRADA

CAPÍTULO 5..... 63

THE QUANTUM CONSCIOUSNESS PARADIGM FOR THE UNIFICATION OF SCIENCE AND SPIRITUALITY

Raul Franco Valverde

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218025>

CAPÍTULO 6..... 84

ECOLOGIA PROFUNDA

Hildo Honório do Couto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218026>

CAPÍTULO 7.....92

ECOLOGIA ESPIRITUAL INTEGRATIVA NO EXERCÍCIO DA CIDADANIA PARA UM MEIO AMBIENTE SUSTENTÁVEL

Ian Felipe Nascimento
Fábio dos Santos Massena
Eraldo Medeiros Costa Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218027>

CAPÍTULO 8..... 100

TEMPO, CORPO, MUNDO: PARA UMA FENOMENOLOGIA DO MISTICISMO ECOLÓGICO

João José de Santana Borges

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218028>

PARTE III - CONEXÕES COM OS SERES ELEMENTAIS

CAPÍTULO 9..... 123

AS FUNÇÕES ECOSSISTÊMICAS EXERCIDAS PELAS FADAS E OUTROS SERES DO REINO FEÉRICO

Ana Cecília Maria Estellita Lins
Eraldo Medeiros Costa Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218029>

CAPÍTULO 10..... 145

LA RECIPROCIDAD CON EL REINO ELEMENTAL: UNA INTERACCIÓN DE AMOR Y ARMONÍA CAPAZ DE DETENER CATACLISMOS, PANDEMIAS Y OTRAS ALTERACIONES PLANETARIAS

Aurora Lope
Mónica Tacca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180210>

PARTE IV - ECOLOGIA ESPIRITUAL E SAÚDE INTEGRAL

CAPÍTULO 11..... 163

MODO ANTIGO DE REZAR: INTEGRANDO A ESPIRITUALIDADE DO SER

Gemicrê do Nascimento Silva
Gabriela Passos Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180211>

CAPÍTULO 12..... 174

ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADE E SAÚDE: CONTRIBUIÇÃO PARA O RESGATE HUMANO

Geraldo Milioli
Caroline Vieira Ruschel
Isaura Awas Remor Milioli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180212>

CAPÍTULO 13..... 189

PLANTAS SAGRADAS DEL SISTEMA MÉDICO TRADICIONAL EN TIERRADENTRO,
CAUCA, COLOMBIA

Olga Lucia Sanabria Diago
Victor Hugo Quinto Huetocue

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180213>

CAPÍTULO 14..... 214

ETNOFARMACOPEA SAGRADA DEL ECUADOR: INTERACCIONES ESPIRITUALES
ENTRE GENTE Y PLANTAS

Montserrat Rios
Fabián Aguilar-Mora

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180214>

TEMPO, CORPO, MUNDO: PARA UMA FENOMENOLOGIA DO MISTICISMO ECOLÓGICO

Data de aceite: 10/02/2022

João José de Santana Borges

Universidade do Estado da Bahia,
Departamento de Ciências Humanas
Juazeiro – Bahia

<http://lattes.cnpq.br/0492589392111343>

RESUMO: A abordagem fenomenológica apresenta um processo de compreensão bastante fecundo para examinar relatos e vivências oriundos da pesquisa sobre o misticismo ecológico. Nesse texto, proponho rever os caminhos da investigação que culminou na minha pesquisa de Doutorado, revelando o percurso adotado que, em termos sociológicos, partiu de uma perspectiva weberiana da sociologia da religião para circunscrever o tipo ideal místico ecológico, mas precisou mergulhar na experiência com as comunidades do estudo. Assim, exploro os significados dos fenômenos místicos na comunidade Figueira; procedo a uma descrição da prática de yoga, evidenciando as concepções de corpo desempenhadas pelos praticantes; e examino a experiência xamânica da Fundação Terra Mirim. O viés fenomenológico foi essencial para levar às últimas consequências o experimento de interpretação dos significados espirituais, das rotinas de cuidado, das relações entre visão de mundo, estilo de vida e atitude política do movimento místico ecológico.

PALAVRAS-CHAVE: Misticismo ecológico. Yoga.

Fenomenologia. Corporeidade. Espiritualidade.

TIME, BODY, WORLD: TOWARDS A PHENOMENOLOGY OF ECOLOGICAL MYSTICISM

ABSTRACT: The phenomenological approach presents a very fruitful process of understanding to examine reports and experiences arising from research on ecological mysticism. In this text, I propose to review the paths of investigation that culminated in my Doctoral research, revealing the path taken which, in sociological terms, started from a Weberian perspective of the sociology of religion to circumscribe the ecological mystical ideal type, but needed to delve into the experience with the study communities. Thus, I explore the meanings of mystical phenomena in the Figueira community; I proceed to a description of the practice of yoga, highlighting the body conceptions performed by the practitioners; and examine the shamanic experience of the Terra Mirim Foundation. The phenomenological bias was essential to carry the experiment of interpreting spiritual meanings, care routines, the relationships between worldview, lifestyle and political attitude of the mystical ecological movement to its ultimate consequences.

KEYWORDS: Ecological mysticism. Yoga. Phenomenology. Corporeality. Spirituality.

INTRODUÇÃO

Este texto aborda as contribuições do olhar fenomenológico na construção metodológica da minha tese de doutorado, defendida em janeiro

de 2011, assim intitulada: “Árvores e Budas: alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas” e convertida em livro no ano de 2015. A pesquisa tinha como problema as relações entre visão de mundo, estilo de vida e atitude política do movimento Nova Era. As primeiras operações metodológicas consistiram em fazer um recorte tipológico do fenômeno; para tanto, escolhi três grupos, procurando dar conta do caráter místico-ecológico do movimento, ao evitar que o enfoque fosse dirigido às abordagens terapêuticas e à literatura de autoajuda que fazem fronteira, ao menos nas prateleiras das livrarias, com o universo das práticas místico-ecológicas. O acento privilegiado, para levar a sério o componente político que se fazia instituinte, foi o de considerar o caráter comunitário das alternativas, a partir de um terreno parcialmente mapeado na dissertação de mestrado desenvolvida por mim (BORGES, 2001).

Além de buscar investigar o solo de onde se parte, como diria Heidegger, o que posso chamar aqui, ainda que de modo displicente, de olhar fenomenológico, é que este propiciou um refundar de questões, não só inerentes ao campo de trabalho, mas ao sujeito que o investiga. O olhar fenomenológico, pois, permitirá ocupar-me com certa inserção no universo estudado e refletir sobre as implicações desse modo de inserção para a pesquisa. Investigar os modos de engajamento e os tipos de intencionalidade que marcam essa investida é um dos objetivos que serão desbravados ao longo do texto. O outro objetivo diz respeito às próprias descobertas em campo e o modo algo singular de tratá-las. Categorias gerais como tempo, corpo e mundo não só expressam algumas das temáticas centrais da tradição fenomenológica, mas também se apresentam como objetos de tematização durante a pesquisa. Para efeito deste trabalho, tais categorias revelam-se fundantes da abordagem que se propõe a relacionar religiosidade e política em vias não apenas macroteóricas, mas microsociológicas, concernentes mesmo a um exame das experiências e trajetórias dos agentes envolvidos.

DA TEMÁTICA

Ao debruçar-me sobre uma pesquisa bibliográfica básica acerca da Nova Era, enquanto objeto de estudo de uma sociologia da religião, deparei-me com um universo amplo de perspectivas teóricas e metodológicas que podem ser resumidamente elencadas: 1) autores que procuram localizar as “causas” históricas do fenômeno em oposição às religiões oficiais, evidenciando distinções face às mesmas (HERVIEU-LÉGER, 1996; CAMPBELL, 1997; D’ANDREA, 2000); 2) abordagens classificatórias da Nova Era, identificando os componentes do movimento e seus agentes (CAROZZI, 1999; ALMEIDA, 2006; HERVIEU-LÉGER, 2008; MAGNANI, 2000); 3) autores que se dedicam a descrições etnográficas dos eventos (AMARAL, 2000; CARDOSO, 1999); 4) autores que procuram analisar as implicações dessa nova religiosidade quanto a outras esferas da vida moderna, como a esfera da saúde e a esfera política (DONEGANI, 2002; MICHEL,

1994), onde possivelmente minha problematização estaria inserida. Algumas visões gerais do fenômeno puderam ser identificadas nesses estudos: “supermercado espiritual” (CHAMPION; ROCCHI, 2000), “novas experimentações religiosas” (SOARES, 1994), “diversidade e hibridismo” (TAVARES, 2002) – são ingredientes dos marcos conceituais trabalhados na literatura. Chama a atenção, no entanto, uma expressão corrente nos textos, cunhada por Danièle Hervieu-Léger (1996) e citada por outros autores (TAVARES et al., 2003), que é a de considerar o movimento Nova Era como uma nebulosa místico-esotérica, dada a pluralidade e fluidez dos elementos que compõem o fenômeno: práticas orientais, terapias alternativas, técnicas de meditação, vivências na natureza, como um “caleidoscópio vertiginoso de formas” (TAVARES et al., 2003) que teria algo a dizer acerca da modernidade: seja como crítica à mesma, seja como adequação e criação de um tipo de religiosidade condizente com o individualismo dos tempos modernos.

Uma das observações do meu próprio trabalho de campo, entretanto, apontou-me para outra direção. Conforme se verá nas páginas a seguir, tal fato se deve em parte ao caminho metodológico que me aventurei percorrer e que teve, sem dúvida, a presença de uma visada fenomenológica como fator crucial de distinção. A primeira constatação, ao propor um corte metodológico a fim de aproximar-me dessa diversidade irrefreável de elementos híbridos oriundos dos mais diversos contextos culturais (BORGES, 2001, 2011), foi a de perceber nessa diversidade diferenças importantes que mereceriam ser colocadas em ênfase e que acabam sendo ocultadas pelo modelo da nebulosa. Esse modelo sugere um trânsito fluido e vertiginoso dos praticantes que, de fato, se evidencia no campo. Mas ele não torna visível, por exemplo, os distintos graus de participação e de engajamento em cada uma das alternativas, bem como as oposições e conflitualidades existentes nesse universo, que não se reduzem a disputas econômicas, mas que singularizam visões de mundo, concepções de corpo e formas particulares de se dispor do tempo, muitas vezes distintas e mesmo opostas entre si.

Tendo em conta que o problema da pesquisa a que me propus demandava uma compreensão das relações entre visão de mundo, estilo de vida e atitude política dos grupos em estudo, precisei fazer um primeiro recorte: dado o vasto universo da Nova Era, usei o método tipológico que me levou a adotar o termo místico-ecológico para salientar a minha preocupação. Desse modo, estaria organizando nesse modelo, e mesmo exagerando, em termos weberianos, certas características que me fariam, via de regra, aproximar-me do que se poderia chamar de efeitos da religião na vida política. Obviamente, os termos “religião” e “política” precisaram ser postos em questão e salientados os sentidos específicos que deveriam encarnar na pesquisa.

DO RECURSO À FENOMENOLOGIA

A Fenomenologia se apresenta nesse trabalho como um horizonte metodológico que informa um modo singular de aproximação do objeto. Tal modo se distancia da visão corrente acerca do Movimento Nova Era, cuja ênfase remete a uma nebulosa mística e que não leva em conta as especificidades dos grupos e das alternativas. O olhar acurado acerca da “atitude natural” que faz como que as comunidades estudadas desempenhem um cotidiano eivado de aprendizagem e normalizações, me fez recuperar a ideia de “processo” como algo constitutivo do movimento das comunidades, seus ritmos existenciais, os ciclos de sua crença, as durações de seus conflitos.

Ao abordar tais situações, foi importante o mergulho na experiência de ser um buscador. Nesse sentido, a fenomenologia desentranhou uma atitude de suspensão da crença/descrença na medida em que se primou pelo fenômeno, pelo modo como ele se apresenta.

A fenomenologia se interessa pelos fenômenos que se oferecem ao indivíduo, porque nada é possível sem levar em consideração a consciência; porém, todo dado deve ser compreendido como fenômeno e não como existente real. Isso é possível na fenomenologia porque há aí interesse pelo objeto da intuição para o qual a consciência se orienta necessariamente, e porque este objeto não tem a ver com a característica de ser real. Mesmo quando o objeto é reconhecido como real, esta marca é colocada entre parêntesis, e a análise recai sobre o estatuto do fenômeno. (GIORGI, 2010, p. 390).

As implicações desse modo de abordar o campo repercutem na diferenciação de estilos e ritmos, na compreensão das temporalidades distintas que o movimento místico-ecológico desentranha. Esse retorno às coisas elas mesmas, aplicado ao universo em questão, permite um desvelar das ditas particularidades e modos singulares de temporalização que são ensejadas por cada grupo. Em contrapartida, a busca por essências permite que tais particularidades possam remontar ao tipo ideal assim construído pela pesquisa, evidenciando o que permanece como essencial ao fenômeno místico-ecológico.

O recurso à redução fenomenológica revelou-se profícuo na caracterização dos grupos e em suas dinâmicas próprias. Este pesquisador pôde, em momentos cruciais da pesquisa empírica, colocar em suspensão a (des)crença quanto à manifestação de discos voadores, para usar um exemplo mais pitoresco, e assim experimentar a visão de um deles, para assim, compreender o significado existencial que tem essa possibilidade de manifestação para a vida da comunidade de Figueira. O segundo exemplo que trarei neste texto advém da pesquisa de campo realizada em um dos retiros de yoga em locais de natureza exuberante, e uma reflexão sobre natureza, do ponto-de-vista fenomenológico, pôde se fazer presente. Além disso, a descrição de uma prática de yoga possibilitou descortinar uma discussão acerca da corporalidade que terá como principal interlocutor o trabalho de Merleau-Ponty em *Fenomenologia da Percepção* (2006). O terceiro exemplo

que trarei é oriundo da vivência de um ritual místico em Terra Mirim, cujo escopo permitirá refletir sobre o tema consciência-mundo em uma perspectiva mística.

Fui a campo, todavia com os óculos apropriados para melhor situar-me nele, garantindo-me, portanto, uma variedade orgânica de instrumentos de coleta, desde questionários a entrevistas, mas sobretudo de uma observação participante em todas as fases de estadia em Figueira, em Terra Mirim e no circuito entretecido pelos professores de yoga.

Passo aqui a destacar três momentos da pesquisa em que o que estou a chamar de visada fenomenológica foi determinante para salientar aspectos do campo que passariam despercebidos, ou ao menos teriam uma leitura já condicionada às tipificações usuais que permeiam o universo acadêmico acerca de “fenômenos espirituais”.

A VISÃO DE UMA NAVE ESPACIAL

Para evidenciar o contributo que o aspecto doutrinário fornece ao estilo de vida adotado pela comunidade de Figueira, faço uma leitura analítica das principais obras de Trigueirinho que, junto a Arthur e madre Shimani, assume o papel de instrutor-guia e principal agente do discurso espiritualista que marca a vivência comunitária nesse grupo. Demonstro na tese que os livros como *Padrões de conduta para a nova humanidade* (1989), *Portas do Cosmos* (1991), *A hora do Resgate* (1991), *Encontro Interno* (1991) e outros parecem dirigir-se para um destinatário em uma voz impessoal, transcendente, como oriunda de uma fonte superior que muito sutilmente se revela: em geral dizem respeito a seres das civilizações intraterrenas ou extraterrestres que estão a aconselhar, a anunciar e mesmo a profetizar. Essa voz impessoal, lida no silêncio da biblioteca, parece calar fundo na consciência de quem lê, e silenciosamente medita sobre tais palavras. O indivíduo retorna ao ritmo diário da comunidade, marcado por tarefas e meditações, com a convicção de sua presença ali, e se esmera a aplicar os ensinamentos obtidos na lida diária. Como um maná diário nas horas livres, não raro observa-se a presença de aspirantes na biblioteca, consultando livros, fazendo anotações, registrando desenhos. Pouca conversa. Muita introspecção.

Além disso, nota-se a “vantagem” mística que se obtém ao adotar essas normas.

Aprendeis a respeitar o silêncio e aprendereis a amar. Seguindo essa Lei, no silêncio encontrareis a magnanimidade da compreensão cósmica e com ela a diligência para o serviço. No silêncio vos sentireis donos de vossos conhecimentos, e fortes para compreender e empreender os novos caminhos. No silêncio encontrareis a paz que apesar de vossos defeitos vos envolve e vos dá segundas oportunidades para a transformação e rejeição do obsoleto. (TRIGUEIRINHO, 2005, p. 68).

Ou ainda:

Tereis uma visão mais global, real e certa de tudo o que acontece ao vosso redor. Jamais sereis surpreendidos por situações que a vida diária vos apresentar. Tereis uma grande compreensão e coragem diante dos fatos, e encontrareis a forma de manejar as forças para que chegueis à vossa meta. [...] Mas estareis diante da paz e da serenidade, que deixarão mais leves as situações conflitantes e turbulentas que virão para quase todos. (TRIGUEIRINHO, 2005, p. 99).

Além dos conceitos de Vida Única e o da Operação Resgate, um outro elemento central para compreender o corpo doutrinário em Figueira é a existência das Hierarquias, seres que vivem uma escala acima da evolução humana. O mais importante, entretanto, é que nos mundos visíveis e invisíveis que Figueira apresenta, tudo está vivo e consciente. A própria água é uma consciência com a qual “teríamos que nos relacionarmos de forma apropriada”. Há, portanto, algo muito próximo de outras doutrinas já vividas pela humanidade, e que se manifestam em formulações panvitalistas e ecológicas. O misticismo ecológico, portanto, enfatiza a possibilidade de pluriversos, algo como um reencantamento do mundo. Mas, principalmente, essa visão tem efeitos práticos na realidade vivida pela comunidade.

Ao mesmo tempo, o reforço da linguagem parece ser suficiente para garantir certa estabilidade comunitária: uma comunidade linguística é assim consolidada. É em Figueira que se pode falar em “partilha”, “ritmo”, “trabalho”, “irmandade”, “sintonia”, “tarefa”, de um modo muito particular. Utilizando tais expressões e outras, o aspirante passa a se sentir parte do grupo. Sobretudo se, acrescido deste vocabulário, a atitude converte-se em um modesto atuar, sem grandes deslumbramentos, com precisão e firmeza na tarefa a cumprir, em silêncio e pouca emotividade. Com o tempo de cultivo dessa atitude, a “vitalidade” do indivíduo assume um aspecto de autoridade e compleição firme, a voz se torna mais eloquente, os movimentos corporais mais rápidos. Ele pode então assumir a tarefa de “coordenar energias” para um determinado propósito, geralmente focalizando a tarefa de um grupo recém-chegado para lavar os banheiros da área, por exemplo.

O esmero do indivíduo em demonstrar interesse e concentração em tudo o que faz, possibilita com que o mesmo “ganhe a confiança” de quem coordena certo setor e passe a assumir atividades mais amplas, que lhe exijam habilidades outras, que as de seguir os modos de fazer de outrem. Ele vai incorporando e mesmo produzindo seu próprio estilo, sua economia de tempo, espaço e recursos, para cumprir a necessidade do momento. Esse tipo de aprendizagem, bem observado por Norbert Elias em seus trabalhos sobre configurações socio-históricas, é a base da inserção do aspirante no grupo. Assim como o professor de yoga passa por etapas para o seu reconhecimento, o adepto de Figueira vai construindo sua carreira, alcançando graus mais elevados de legitimação, na medida em que se engaja e demonstra estar afinado com os ensinamentos práticos de como se viver junto na comunidade.

A VISÃO DE UMA NAVE ESPACIAL SOB UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA

No Núcleo Sohin, uma área de Figueira, no segundo dia de minha experiência em comunidade, foi ministrada uma palestra sobre a “imensidão da vida” e a “vida em outros planetas”, em substituição ao evento “observando o céu com Clemente”, em que os moradores passam a noite ao ar livre, sob a orientação do mesmo palestrante, médico radicado em Figueira e um dos principais instrutores da comunidade. Ao retornar da palestra, no caminho de volta para Vida Criativa, em meio a estrada escura, com lanterna à mão, e acompanhado por um visitante (também era a sua primeira vez na comunidade), notei algo diferente no céu. Bem poderia ser uma estrela, ou parecia um planeta, só que ainda maior. Jefferson exclamou: “é um planeta bem diferente!”. Gracejei: “parece mais uma nave espacial”. Ele retrucou: “parece não, é uma nave [...] e ela acaba de sumir”. De fato, já não havia mais nada no céu, além das estrelas habituais. Jefferson afirmou que já havia visto muitas e que simbolizavam, de acordo com seus estudos, “um chamado à evolução”. Disse ainda que tais aparições seriam muito comuns em tempos vindouros. Essa fala, aliás, era bem condizente com o que o próprio já havia dito em conversas anteriores: ideias como “estamos sendo guiados”, de que “o nosso ser interno sabe o que está por vir”, eram bastante recorrentes nos diálogos.

A narrativa continua no diário de campo e é analisada no livro em que publiquei a minha tese. Diferentes reações que cada interlocutor teve ao ouvir o relato: quanto mais antigo o morador, mais lacônico e menos entusiasmado com a aparição, dando a impressão de censura: “guarde para si, não disperse”. Os visitantes como eu ficavam entre descrentes e exaltados ante a minha narração.

Agora, uma pausa. Mas então o próprio pesquisador, questiono eu em minha tese, se vê imbricado na crença do mundo pesquisado? Qual o limite para tal “irreverência” do ponto de vista metodológico? Chamo a atenção para a importância não tanto do conteúdo da crença, da fiel correspondência entre o percebido e o significado, mas principalmente para a relação entre condicionamento cultivado da crença e o efeito coletivo da mesma.

Como, então, compreender as emoções místicas em seus efeitos? Em suas representações? Aqui lidamos com um vasto material informativo: brochuras, livros, CDs, que funcionam como alimento para os moradores e visitantes. A Biblioteca do lugar está sempre ocupada por um leitor silencioso, ávido por obter informações que justifiquem o seu estar-ali. Em dado trecho do livro *Bases do mundo ardente*, Trigueirinho esclarece:

Quando um grupo está reunido, forma-se um vórtice magnético que se coliga com um nível de consciência específico, contata as forças e energias daquele nível e torna-se delas canal. Nos exercícios com os símbolos, percebo ser fundamental que, realizados individualmente ou em grupo, tenham sempre

a chama viva do espírito a iluminá-los e conduzi-los. Na verdade, mesmo quando o grupo trata de assuntos práticos, do dia-a-dia, essa chama deve ser, para ele, a razão de qualquer encontro ou atividade. (TRIGUEIRINHO, 1994, p. 149).

Observei em meu trabalho de pesquisa que esse unidirecionamento para o espírito produz uma economia de gestos e palavras, um refinamento de atitudes, um comportamento intensamente conduzido que, em algum momento, poderá parecer repressão, no sentido habitual do termo. Mas até a “repressão” é tornada sutil e autojustificada, para superar “etapas da humanidade anterior”.

A atitude com relação ao sexo é mesmo um exemplo dessa repressão: o convite para o celibato promove uma tal economia que se manifesta, desde o preparo do alimento, isento de “estimulantes dos sentidos primitivos”, até o esmero total nas atividades diárias, espécie de “canalização da energia interna”. Mas, ao contrário da rigidez observada nos corpos de outros grupos de celibatários, o que se observa em Figueira, na aparência ao menos, é que homens e mulheres convivem “fraternalmente”. Os gracejos e os sorrisos não estão ausentes, mas conversas “picantes” raramente são ouvidas. Uma visitante que passou dois meses no local contou-me que, em dado momento do trabalho da horta, foi pedido a um “jovem de músculos harmoniosos” que vestisse sua camisa. A ordem foi acatada sem questionamentos.

Como conseguir tal sublimação de conduta? É ela humanamente possível? A mensagem doutrinária não indica, por exemplo, que praticar ato sexual seja “errado”. Afirma, no entanto, que, para a evolução da consciência humana, esse estágio precisa ser transcendido. Para ascender ao contato com “os mundos ardentes”, é preciso canalizar essa energia para outras formas de manifestação. A atitude de silêncio interno, oração, mantras, autocontrole funcionam como “*tecnologias espirituais*” que parecem favorecer tal sublimação.

A busca pela androginia, por exemplo, parece ser construída desde os detalhes mais práticos, como a proibição de perfumes e “roupas que chamem a atenção”, até estímulos mais sutis, como a conduzir o ímpeto de conquista humano para zonas mais etéreas como a percepção do sobrenatural, sob forma de naves, luzes e aromas misteriosos.

A tipificação aqui, para usar um termo de Schultz (1997), diz respeito ao modo habitual em que o percebido (a natureza, os acasos harmoniosos em que “tudo conspira para”, o sobrenatural) e o significado atribuído ao mesmo, se conjugam e se reforçam com a doutrina, o comportamento coletivo e o cotidiano dos moradores. Assim, tudo passa a ser tecido e interpretado em uma rede de significados que confirmam o sistema de crenças. Ao mesmo tempo, o cultivo do silêncio, o falar estritamente o necessário, a busca por um uso correto do tempo, parecem impedir o crescimento de pequenos desvios. A tagarelice e a crítica eram firmemente repelidas, como sendo manifestação de “forças involutivas”.

Ao levar em conta o “fluxo de consciência” deste autor-observador, como será visto mais adiante, inspirei-me em um postulado da Fenomenologia de Husserl: “nenhuma pessoa hesita em acreditar que sente o próprio pensar e que distingue o estado mental como uma atividade interior diferente dos objetos com os quais pode lidar em termos de cognição” (SCHUTZ, 1997, p. 56). Essa é certamente a base para a compreensão do que ocorre em Figueira, nesse fluxo constante entre a visão interior e o mundo concreto vivido coletivamente, numa confirmação contínua da crença no estilo de vida e nos motivos desse estilo.

Além disso, o primado da experiência é aqui reafirmado. Assim, Schutz (*op. cit.*) vai desenvolver habilmente os passos para chegar à necessidade de uma suspensão da crença na existência de um mundo exterior. O que sobra do mundo, pergunta ele, após essa suspensão? “A totalidade concreta da corrente de nossa experiência.”. Certamente, só é possível conceber a crença na visão do disco voador em termos analíticos, através desse arcabouço teórico acerca da experiência, que prolonga e atualiza possibilidades de uma consciência voltada inteiramente para a percepção do inaudito. O místico, sob o ponto de vista sociológico, é aquele que atualiza fantasmagorias perfeitamente possíveis, criadas coletivamente. Há uma aposta coletiva, ainda que manifestada individualmente, na existência dos seres intraterrenos e extraterrestres.

Estar em comunidade favorece a manifestação de tais entidades. Por que isso se dá? Qual o efeito da vivência comunitária sobre a crença do indivíduo no invisível tornado visível? Há, de certo modo, uma produção de expectativas que se confirmam e se reforçam e se perpetuam. O “ritmo existencial”, imposto pela comunidade, proporciona predisposições específicas, estímulos específicos para essas aparições, para essa percepção “interna”. Curiosa a variedade das reações ao relato acerca do “disco voador”: uma pessoa totalmente alheia à comunidade e ao sistema de vida místico-ecológico gracejou: “Terrível esse povo. Até efeitos especiais eles têm para enganar vocês”. É certo que não se trata simplesmente de “enganar”. Tal reação só é possível em virtude de um total descolamento ideológico da pessoa que o proferiu, reforçando as expectativas de que um fenômeno dessa natureza existe para “manipular” os crentes.

Essa Unidade que religa todos os seres, intraterrenos, extraterrenos, humanos e não-humanos, em uma diversidade irreprimível de formas da Vida Una – fundamento de toda vivência mística –, é visada de uma certa maneira, é apreendida por uma certa intencionalidade. O pressuposto básico de uma análise fenomenológica a ser integrada a uma analítica dos fenômenos místicos é de que a consciência é sempre intencional: tende para ou é dirigida para os objetos do mundo.

Assim escrevi na tese: o argumento geral que se pôde alinhar até aqui, nesta linha de investigação, passou pelo exame do cotidiano na comunidade místico-ecológica de Figueira, que mune o adepto de tantos quantos forem os recursos necessários para

dotá-lo de uma visão de mundo particular, qual seja, a de que a civilização atual está em crise e de que a solução para essa crise só pode ser encontrada na conexão interna da vida do planeta, nos “mundos ardentes”, “nos mundos espirituais”. Para tal incorporação – visto que esta visão se traduz no corpo – um conjunto de recursos interpretativos está à disposição do adepto: CDs, audições, livros, partilhas, retiros de silêncio, sono ao ar livre, passeios no “labirinto”, vigília permanente. Tudo isso configura a disposição do adepto em penetrar nas “dimensões internas da existência”.

São nessas dimensões – nesse desdobramento de mundo – onde se encontra a referida geografia mística, que associa pontos do planeta a retiros intraterrenos, a discos solares, que vão sendo revelados, descobertos, conhecidos. Os centros planetários – o começo dessa odisseia ao reencantamento cósmico do planeta, não são mais que o começo desse desvelar. A cada partilha de Shimani, Trigueirinho ou Arthur – os três instrutores que lidam mais diretamente com assuntos transcendentais mais radicais – há novas revelações sobre esse revelar. Primeiro os centros intraterrenos são: Mirna Jad, no Brasil; Erks, na Argentina; Aurora, no Uruguai; Lis-Fatima, em Portugal; Iberah, na Argentina; Miz Tli Tlan, nos Andes Peruanos; Anu Tea, na região próxima a Austrália. A estes estão ligados cidades intraterrenas, retiros intraterrenos, em vários pontos do planeta, desde a Antártida; espelhos solares; redes magnéticas ocultas. Cada um desses centros guarda informações que serão reveladas na medida em que a fase de purificação pela qual atravessa o planeta – e cujas catástrofes naturais são a expressão física – ir se consumando.

O CORPO COMO AGENTE CULTURAL

Caminho espiritual, disciplina de autoconhecimento, filosofia de vida, arte corporal ou uma exótica ginástica de origem hindu, o Yoga tem adquirido fama e prestígio na sociedade de consumo. Abundam publicações a respeito nas prateleiras de autoajuda ou de esoterismo (e até nas de esporte!) das livrarias; estúdios, academias, institutos e escolas dedicam-se à sua prática e ensino; há disciplinas acadêmicas sobre yoga em cursos de educação física e há, ainda, cursos e especializações autorizados pelo Ministério da Educação que graduem professores de Yoga. O universo do Yoga é um campo de disputas (BORGES, 2001): não há consenso em absoluto, embora algumas particularidades sejam aceitas por todos. Patanjali (300 a.C) sistematizou o Yoga Clássico e seu Yoga Sutra é reputada como a obra mais importante, originária e mesmo inspiradora de várias publicações e comentários.

No Yoga Sutra, o segundo verso resume o que acontece em estado de yoga: o praticante atinge a sua verdadeira natureza original. A “verdadeira natureza”, presume-se, diz respeito, por um lado, à noção de *Púrusha* (ser puro), por outro, à noção de *Moksha*, ou liberdade original. No entanto, para atingir tal liberdade, uma série de restrições e normas são recomendadas por Patanjali. Sem uma finalidade necessariamente moral, o

que está em jogo é que certas atitudes (como a violência, a mentira e o roubo) impedem que o praticante atinja sua meta, visto que causam “distrações, dispersões e perturbações ao corpo-mente”. A finalidade, portanto, de cultivar certos hábitos e evitar outros, como primeiro dos oito ramos do Yoga de Patanjali, é muito mais pragmática que ética: visa exclusivamente ao êxito do adepto.

O que mais importa, contudo, é que grande parte das modalidades e, em especial a que nos é interessante levar em conta, dispensa o teor especulativo e mesmo metafísico das escrituras, importando-se muito mais com o aspecto prático da disciplina. A prática nos leva ao cerne do campo de experiência do yogui: o seu corpo. A compreensão que o yogi tem do corpo nos fornece o cimento para atuarmos em nossa proposta.

CORPO, SER-NO-MUNDO E REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA

O corpo, para o yogue tântrico, está inserido em uma rede de energias que ligam o microcosmos ao macrocosmos. O próprio termo *Tantra*, em sânscrito, remete a tecido ou tessitura, trama, em que a máxima “o que está aqui está em toda a parte/ o que não está aqui/ não está em parte alguma” revela a própria radicalidade da ideia de um corpo interdependente, nunca separado.

O *modus operandi* do corpo, esse objeto cultural, do qual, enquanto corpo próprio jamais podemos nos ausentar, se dá por conjuntura, por integração orgânica de suas partes com o mundo, através de um modo de existência essencialmente afetivo. Corpo é consciência encarnada. A ideia de objeto, quando aplicada ao corpo, torna-se constrangedora por tentar ocultar aquilo que lhe é intrínseco e condição de possibilidade de toda objetivação: porque, em certo sentido, somos um corpo. Não podemos falar dele como de um mecanismo estranho a nós, isento de relação afetiva, descolado de sua realidade existencial, sob o risco de sequelar o próprio conhecimento a partir dele construído. Ainda assim, não seria inútil lembrar que é usualmente desse modo que o corpo é abordado pela ciência oficial.

Ser-no-mundo, de Heidegger, é essa condição existencial primeira, a partir da qual podem ser derivadas atitudes como a de colocar um “sujeito” diante de um “objeto”. Antes, portanto, de determinar-nos sujeitos, somos seres-no-mundo. E, se somos inseparáveis de nossos corpos, estamos no mundo, antes de mais nada, por uma existência corporal. No yoga, há duas atitudes gerais que podem ser aqui referidas, tendo como pano de fundo a discussão fenomenológica. Antes disso, todavia, vale recordar o comentário que Merleau-Ponty faz acerca da rationale fenomenológica: “Quando Husserl diz que a redução supera a atitude natural, é para logo acrescentar que essa superação conserva ‘o mundo inteiro da atitude natural’” (MERLEAU- PONTY, 1991, p. 179). Oportunamente, o esforço aqui empreendido não corresponde a uma visão objetiva que disseca o universo yogui à luz de uma fenomenologia estranha a esse universo. Faz-se necessário evidenciar uma

visão de dentro do mesmo, sob o risco de não compreendê-lo em seu próprio horizonte de significação.

Há uma atitude clássica, influenciada pelo *Vedanta*, que considera o corpo como um instrumento do espírito. Um tal verticalismo espiritual propõe um total desapego e superação do corpo, ou no dizer de Mircea Eliade, há, no Yoga, uma busca radical por ir de encontro à corrente da vida comum. Tal busca se reflete nas posições imóveis, na contenção dos impulsos, no refreamento dos prazeres, na atitude ascética. Uma imagem comum é a que costuma ser narrada nos textos clássicos: a de um renunciante que, mesmo estando no mundo, mantém-se tão focado em seu próprio objetivo de iluminação que nada no mundo o afeta. Ele pode participar das atividades mundanas e mesmo agir no mundo, como aliás, é preciso que ele o faça, mas de tal modo desapegado, que se torna imune “ao jogo das sensações”. No Gita, um dos textos mais importantes da literatura Yogi, Arjuna é convocado à guerra, mas é instruído por Krishna a desapegar-se completamente dos resultados da ação.

Há uma outra perspectiva, mais recente para alguns, que é derivada da visão tântrica. De acordo com essa visão, o corpo é sagrado, contém os “segredos do universo”. É imprescindível cultivá-lo como templo da alma. Corpo e alma compõem uma realidade indissociável. A matéria é toda ela energia, possui a semente do espírito e o realiza, no vir-a-ser contínuo e silencioso. A noção de interdependência, salientada pelo Budismo (há inclusive um budismo tântrico), é deveras cara ao *Tantra*, em que tudo está interligado. Certamente, essa atitude culmina numa abordagem mais apurada do corpo: os *ásanas* (posições ou posturas), que na outra atitude resumem-se aos sentados para a meditação, nesta ganham um colorido e uma multiplicidade de variações, algumas imitando formas geométricas, seres da natureza, animais e plantas. A própria concepção de *Maya*, que no *Vedanta* ganha o atributo de ilusão cósmica (o mundo é irreal); no *Tantra*, *Maya* é sabedoria, poder de criação, universo manifestado e em movimento.

O *Ashtanga Vinyasa* Yoga possui uma espécie de síntese dessas duas atitudes. Partindo da base conceitual e filosófica do Yoga Sutra, ele se concretiza na radicalização do Hatha Yoga, visto sua prática ser considerada extremamente desafiadora para o corpo físico. Independentemente de qualquer diferença entre as linhagens, é necessário dizer que, no Yoga em geral, o corpo está longe de ser apenas um sistema integrado de órgãos, músculos, tecidos e nervos. Ele abrange outras dimensões: há um corpo físico, um corpo etérico, um corpo astral, mental e espiritual ou causal, para dizer, no mínimo. Há correntes sutis, as *nadis*, e centros energéticos denominados *chakras*. Ao mesmo tempo, e é esse o objetivo do Yoga, há uma unidade central desses corpos, cuja meta é chegar a um nível excelente de saúde para uma realização máxima de sua existência.

Se é possível encontrar algum correlato à redução fenomenológica de Husserl no *Ashtanga Vinyasa* Yoga, há de ser uma suspensão de qualquer referência a essas

dimensões outras e considerar a unidade, sem fragmentação, lidar com o que se tem em ato. Pôr entre parêntesis, pode-se dizer, toda referência metafísica e mergulhar na experiência do corpo. Ou ainda, inibirmos qualquer interesse voltado “ao conhecimento teórico do mundo”.

INTENCIONALIDADE E PRÁTICA: POR UM YOGA EXISTENCIAL

Uma descrição pode ser um instrumento necessário para a reflexão fenomenológica em curso. Sem dúvida, trata-se aqui de mais um empreendimento arriscado: a vigilância que se deve ter no modo de descrever a experiência não acompanha a compreensão teórica: exige um dado grau de maturação que não pode ser aqui ambicionada. O que se propõe é um experimento, ainda precário certamente, mas que apontará para tentativas futuras. Dados “objetivos”, impressões pessoais e fragmentos de relatos dos “informantes” serão conjugados com o esforço de “deixar o fenômeno falar por si”.

Uma das descrições que adotei na tese foi inspirada na aula ministrada por Ana Maria Magalhães, professora de *Ashtanga Vinyasa* Yoga há mais de 20 anos, no Hotel Fazenda Pedra do Sabiá. Trata-se de uma reserva privativa da Mata Atlântica, de mais de 4.000 hectares de mata virgem, cachoeiras, riachos e bosques junto à plantação de cacau. A sala de prática foi construída às margens do rio de Contas, tornando o lugar um ambiente propício para uma vivência “em contato com a natureza”.

A professora começa ensinando uma posição sentada para o exercício respiratório inicial. Ênfase na globalidade do corpo, rijo, firme, estável e quase imóvel, sendo apenas preenchido e esvaziado ritmicamente pelo ar. Ao inspirar, “como se fosse um balão subindo”; ao expirar, “uma folha caindo ao solo”.

Primeiro, uma referência breve ao sentido das “saudações ao sol”, utilizando um texto de Tagore, que afirma que o maior legado da Índia, o Yoga, nos faz lembrar desse grau de parentesco que temos com tudo o que há. E ao saudar ao sol estamos saudando o universo do qual fazemos parte, saudamos a terra que nos sustenta e os elementos que nos garantem a existência. A ideia de ser-no-mundo é aqui incorporada.

Começando por uma posição em pé, chamada postura da montanha ou da igualdade, o corpo se estabelece em prontidão: os pés estão firmemente enraizados, unidos, o calcanhar e os dedos maior e mínimo formam um tripé de apoio, criando-se um arco entre os arcos, num grau de estabilidade e equilíbrio que advém dessa sensação de contato íntimo com a terra; as rótulas dos joelhos elevadas e em conexão com os calcânhares; a região dos quadris guarda um ponto-chave para toda a prática: um centro em torno do qual partem duas forças opostas, uma que desce via pernas em direção ao chão, outra que sobe em direção “às estrelas”, via alongamento da nuca em conexão com o pescoço que, por sua vez, está alinhado à coluna impecavelmente ereta.

Enraizamento da base da coluna para baixo, elevação da base ao alto da cabeça. Essa sensação, contudo, só acontece plenamente com o trabalho da respiração, um outro ponto-chave da prática. É a respiração que nos conduz a essa atualidade radical, que com o tempo e a aplicação na prática, ganha o aspecto de um estado de atenção, onde não há mais esforço em mantê-lo. “Um esforço de atenção que se transforma em um estado de atenção”, como a professora procura frisar.

A série começa com saudações ao sol, uma espécie de coreografia que amplia a capacidade respiratória, aquece e fortalece o sistema muscular, bem como contribui para o ganho de flexibilidade e força na coluna vertebral, necessária para o restante da prática. Desde o início, a instrução estimula o foco da atenção no olhar, mas não apenas nele, e sim em todo o corpo. O olhar direcionado para o nariz, por exemplo, facilmente induz a observar a respiração.

As posturas são cadenciadas pelo ritmo respiratório, que é quem vai guiar as passagens de um *ásana* a outro, como um dança magistral. Há posições que remetem a figuras geométricas, outros a certos animais ou a seres míticos, espaços vão sendo criados em cada uma das posturas, espaços no corpo por onde circulam o ar e a atenção. Sensações de espreguiçamento, alongamento, leveza e força são abundantemente presentes. Momentos difíceis na prática conduzem a temores e frustrações: estas são observadas e dispensadas pelo discernimento acerca do real propósito da prática. Este real propósito, alega a professora, “não está na execução de um modelo perfeito da postura”, mas na profunda vivência desentranhada por ela, o romper de expectativas quanto ao porvir, embora nele já lançado.

Certa vez, uma praticante confidenciou que ao executar posturas como o *Kurmásana* (tartaruga), é como se estivesse visitando regiões do corpo nunca antes visitadas. É comum ouvir alguém dizer que passou a sentir que possui quadris a partir da prática. Certamente, tal sentido de partes ou órgãos que antes se davam em conjunto e passam a se destacar na atenção que o seu proprietário lhe confere pode ser tematizado. Ao dizer “eu tenho quadris”, esquece-se de se perguntar quem é aquele que possui os quadris como parte de si. Quem é este si, que consegue destacar-se do próprio corpo? O mesmo si consegue fazê-lo em relação à mente e aos sentimentos? O que lhe sobra então? Ao ser algo mais que a mente que se pensa a si mesma e que ao mesmo tempo aponta para um outro que, possuindo-a, pode controlá-la, o que resta do ser? Essa questão aparentemente pouco importante ganha central dimensão na cosmogonia do Yoga.

Esse modo de atenção plena que se quer alcançar nos remete à intencionalidade Husserliana. Ou ainda: intencionalidade remete, no Yoga, a esse grau de atenção máximo, em que a consciência, tendo reunido seus fios dispersos, ganha poder de concentração. Este empoderamento lhe garante o brilho da intencionalidade: foco no corpo, nas habilidades corporais, na respiração. Ao possuir a maestria sobre o corpo, que mesmo

relativa, faz o yogi experimentar sensações nos órgãos internos com um grau de acuidade bastante incomum, corpo que conhece a si mesmo e leva sua atenção às entranhas, torna-se apto para explorar outras regiões da prática. Aqui começa uma metafísica, um ode à transcendência, inspirada em superlativa vitalidade, como se uma disponibilidade extra tomasse corpo no yogi e refletisse na vivência interna do seu corpo.

O corpo é deveras humilde. Enfrenta os medos do emocional e os conflitos da mente e entra no estado de presença aberto pelo *àsana*. Se o limite de alguma articulação impede o êxito completo dessa abertura, o corpo, estando a salvo dos hábitos mentais de competição, se acomoda onde der, “arranja-se com o que tem”. Mas aqui estamos na cisão mente/corpo. O que acontece, na verdade, é um modo de ser mente/corpo integrado, vivido pelo praticante quando ele atinge o yoga, “a arte da integração”. (BORGES, 2015, p. 251).

A prática conduz a movimentar os braços e pernas em conjunção com o fluxo respiratório, numa sintonia entre gesto e respiração, realizando uma visão de mundo incorporada, em que a unidade e a inteireza do ser torna-se possível. Ao executar posições que remetem a animais, plantas ou seres arquetípicos, o yogi realiza uma visão, um modo de ser no mundo. Sua iniciativa de reproduzir na linguagem do corpo, o triângulo, círculo ou outras formas geométricas, ele incorpora ideais de equilíbrio, força e simetria. Quanto a essa potencialidade corporal, lembremo-nos de Merleau-Ponty:

Nosso corpo, enquanto se move a si mesmo, quer dizer, enquanto é inseparável de uma visão do mundo e é esta mesma visão realizada, é a condição de possibilidade, não apenas da síntese geométrica, mas ainda de todas as operações expressivas e de todas as aquisições que constituem o mundo cultural”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 519).

E há uma transformação que se revela no final da prática, quando as últimas posturas convidam para um maior relaxamento e quietude, quando a respiração se estabiliza em sua profundidade e vastidão longamente conquistadas e os movimentos quase ininterruptos cedem espaço para a serenidade. A mente pode agora contemplar a si mesma. O corpo tende a refleti-la. Sabemos que a intencionalidade, em Husserl, diz respeito ao caráter básico da consciência de ser consciência de alguma coisa. “O fenômeno que aparece na reflexão é o objeto intencional da intenção, sobre o qual eu penso, o qual eu percebo, do qual tenho medo etc.” (SCHUTZ, 1997, p. 58). A prática do Yoga revela-se como um jogo em que essa intencionalidade é atualizada, momento a momento, até, enfim, a consciência “aquietar-se”, como em um lago das águas profundas e paradas.

Neste ponto da prática, a busca da consciência por si mesma pode alcançar, ainda que em átimos, vislumbres do estado descrito por yogis lendários: o estado de *Sat Chit Ananda*: estado de superlativa felicidade, onde existência, consciência e beatitude são coincidentes. Existir, estar consciente e *Ananda* (vulgarmente traduzido como alegria, bem-aventurança) formam um só modo de ser.

“O TEMPO É COMO UM RIO”: POR UM ESTUDO DOS RITMOS, DOS CICLOS, DAS DURAÇÕES

O que segue é um relato de campo da pesquisa em Fundação Terra Mirim, durante o ritual do Aywaska, chá de duas plantas de origem indígena que tem sido usado em ritos da União do Vegetal. Para efeito desse estudo, a narrativa que segue tem o propósito de examinar a experiência “concreta” de ruptura, entre o profano e o sagrado, inscrita pelo tempo do ritual. Esse evento, narrado em *Árvores e Budas* (BORGES, 2015), se deu dias antes do Ecoarte de outubro de 2010, numa quinta-feira de lua cheia, momento propício para que os efeitos de um tempo “natural” ocorram na experiência de uma temporalidade coletiva marcada pelo compartilhamento do chá.

O tempo parou e voltou a se mover – um relato sobre Aywaska

Cheguei encima da hora. Não sabia ao certo onde seria o rito, mas tive a “sorte” de encontrar Rafael, também perdido, de modo que juntos ultrapassamos a Casa do Sol e os bambuzais e ganhamos o outro lado da porteira. De lá, ainda hesitantes de qual trilha seguir, sob a luz pálida de um poente nublado, avistamos o outro Rafael, que naquele exato momento viera nos acudir. Conta a ele que o grupo perguntou por nós. E quando perceberam que não saberíamos chegar sozinhos incumbiram-no de nos guiar. Perguntei por Shiniata, sua mãe, e ele respondeu que ela não estava ali. Um adolescente, já envolvido na tradição xamânica, e vindo sem a companhia de sua mãe iniciadora, deixou-me ligeiramente impressionado. Quando chegamos ao local, nas terras do São Francisco, Alba Maria disse: “Pronto, já podemos começar”. Éramos catorze no círculo dentro da cabaninha, aberta dos lados, teto de palha de coqueiro. Sentávamos em tapetes e colchonetes usados no yoga, amontoados, com pouco espaço de sobra. Uma fogueira se fazia acendendo-se, à medida que a noite chegava, no lado de fora da cabana. Alba Maria e Albina deram instruções sobre o papel higiênico, a pá, os locais onde poderiam ser mais bem utilizados para depósito das fezes, e o alerta para quando cada um quisesse sair da cabaninha, que voltasse para ela, pois aquele era o círculo de proteção. Até aquele momento, e mesmo até um pouco depois de tomar o chá, estava preparado e esperando alguma travessia simbólica para uma dimensão mágica da realidade, algo que poderia ser perfeitamente controlado e até mesmo encenado, bem como um ligeiro mal-estar, devido à substância das ervas. Mas não estava preparado para o que viria. Comecei com total consciência dos pensamentos, e até um profundo estado de clareza mental, lucidez. Dan começa a cantar ladainhas invocando o poder do chá, das plantas que o compõem. O embalo de sua voz contribuiu para que eu comece a perder o senso de eu. A sensação é que eu começava a estar entre dois mundos: o mundo físico e outra dimensão inteiramente desconhecida para mim, e ao mesmo tempo familiar, pois lembrava algo do mundo que eu conhecia. Ora abria os olhos numa dimensão, ora voltava para a realidade concreta. Até que perdia também a noção de olhos que abriam. Via tudo sempre, olhos fechados ou não, e sequer percebia olhos. Sabia

estar no meio de vivos conhecidos e desconhecidos, e todos os movimentos deles me afetavam enormemente. Era eu que movia. O eu era só movimento, pulsação. Alguém que não era do mundo ordinário (que, vai lá, era eu mesmo travestido de outro pra mim) vez ou outra perguntava: você tem medo? Eu falava que não, mas sabia que tinha medo de uma serpente que parecia estar por ali, que poderia ser qualquer das coisas moventes que me chegavam à consciência. E numa das voltas dessa entidade, já não havia quem sentir medo. Eu estava em tudo que se movia. De repente percebi meu corpo se deitando. Ouvei de longe uma voz chamando meu nome: era Dan perguntando se eu estava bem. A minha boca respondeu que estava tudo bem. Enquanto na dimensão estranha, um diálogo era vivido dentro: alguém dizia ou você se entrega por inteiro ou vai ser pior para você. E eu me entreguei, já não era eu. A capacidade de pensar sumia aos poucos e eu tinha uma vaga consciência de sensações indefiníveis, ruídos, sons, tatos, eu era tudo aquilo que se movia em conjunto e que poderia ser gente, bicho, coisa, cobra: era tudo vida. Quando me dei por mim estava na entrada da cabana e Dan pedia para que eu sáísse da entrada. De-me conta por alguns instantes de que havia um eu, e obedeci. Vi-me diante da fogueira. À minha frente, meu amigo Rafael me olhava fixamente. Eu não sabia se era ele. De repente, ele se aproximou de mim e perguntou: “Está tudo bem?”. A boca respondia: tem que estar. E eu sumia. Parecia louco. Percebi o que era a loucura, ouvia coisas indistintas, algo em mim perguntava se eu retornaria. Algo respondia: sempre retorno. E algo falava: retornar para onde? Era como se eu tivesse dentro de um sonho lembrando vagamente que aquilo não era tudo. Que eu precisava acordar para o outro lado. Mas vez por outra, esse outro lado desaparecia e eu estava em um mundo inteiramente novo e desconhecido, vivendo uma vida de pura sensação. Foi quando consegui ouvir ao longe a voz de Dan. “João, coloque os pés na terra”. E a minha boca falou: ah, tem algum João? E ria. Ouvei risadas atuarem juntas. Notei que uma coisa que poderia ser pé, tocava em algo que só poderia ser “terra”. Notei que havia pessoas, como se elas fossem um bloco só, com as mesmas reações, todas formadas de pontos de luz. Tudo era o riso delas. Comecei a chamar: João, João. E algo em mim lembrou uma canção: Oração ao Tempo. E olhando para a fogueira em brasa, comecei a cantar em voz alta. Alguém me acompanhava. Redescobria pois a linguagem, mas não tinha qualquer controle. Eu era a própria música cantando e sabia a letra de cor. Parecia impecável, poderia até ouvir os instrumentos. Via pessoas vomitando. Movimentos. Apaguei novamente, por alguns instantes. E quando dei por mim, estava de pé conversando com Rafael. Ouvia de dentro da cabana: os dois lá fora estão filosofando. Percebi que eu era um desses dois. Vi-me perguntando: estão todos lúcidos? Ou estão todos assim? Rafael sorria. Perguntei: “Essa experiência dura para sempre?”. Rafael respondia: “A experiência, sim, é para sempre”. Ele me perguntou: “Você está meio perdido, não é?” Respondia: “Tem alguém aqui perdido, quem eu não sei”. E voltei para a cabana. Pessoas vinham falar comigo, pessoas conversavam coisas esquisitas ao lado. O tempo era uma eternidade. A memória me trazia de volta a quadros já vividos, e eu os

via repetindo, como se os tivesse vivendo de novo. Ouvia um eu perguntar: “Quem se importa se o fogo queime? Alguém se importa?”. E um outro eu respondia: “Deus”. Um outro eu ria: “Deus?”. Decidi parar de lembrar do que havia acabado de acontecer, pois sentia que voltava ao mesmo instante. O tempo andava em círculos e por um momento eu não sabia como sair deles. Vi-me repetindo as invocações de Alba Maria. Havia um clarão e ela se referia à nave. Eu perguntava: “Estão todos na nave?”. Ela dizia: “Sim, estão”. Ouvia risadas, e eu tornava a perguntar. Vez ou outra não sabia se estava só eu delirando ou todos estavam. Como passei a ter corpo, comecei a despertar um instinto de autopreservação. O problema é que eu não sabia onde o corpo estava. Algo em mim começou a direcionar o fluxo de pensamento. Escolhia um símbolo – a mãe divina – e passei a viver este símbolo, a ver uma mulher maternal e acolhedora, e ria de felicidade. Alba Maria cantava para a Senhora da Floresta e eu acompanhava. De repente comecei a recitar poemas novos, surgidos inteiramente ali, a partir das palavras da Xamã que eu ia completando. Ouvia suspiros: “Que lindo, um poeta”. E eu não parava de recitar, sem nenhum controle ou inibição. Vi-me dizendo: “Gratidão à Mãe Divina, para onde tudo retorna e de onde tudo ressurge”. Comecei a respirar e perceber algo respirando. Comecei a tomar consciência dos limites do meu corpo. E comecei a concordar com todos que aquela era uma experiência muito forte, que o tempo havia parado. Que a noite estava clara, a lua estava linda, o céu descoberto como por milagre. Deitei e continuei em viagem, dessa vez, mais aliviado, pois eu estava de volta. Revia rostos amados e era como se estivesse com eles. Comecei a chorar com um sentimento que poderia ser descrito como embriaguez de amor por familiares e amigos. Lembrei que ouvia ao fundo, dizendo algo como: só você. Naquele momento parecia compreender do que se tratava. Sabia então que havia uma tese por concluir, e me dei por satisfeito: estava inteiramente de volta.

Tal experiência culminante, guardadas suas devidas idiossincrasias e “sujeiras” de pensamento, nos remete à dimensão constitutiva da consciência, em uma análise fenomenológica. O substrato do não-eu revelou esse dado que Husserl designou como uma consciência sempre de algo, e que os budistas chamam de coemergência, quando a percepção e o percebido coemergem no instante, percepção que, para Merleau-Ponty, é originária da existência. Nos momentos finais, isso se tornou ainda mais decisivo quando este pesquisador dirigiu sua atenção para o propósito de sua ida àquele ritual: colher um relato, uma descrição do modo de ruptura do tempo entre o profano e o sagrado.

Contrariando, no entanto, o título desse tópico, lemos a certa altura, em Merleau-Ponty, que o tempo não é como um rio, porque pressupõe a presença de um observador e da posição na qual ele está situado:

“A mudança supõe um certo posto onde eu me coloco e de onde vejo as coisas desfilar; não há acontecimento sem alguém a quem eles advenham, e do qual a perspectiva finita funda a sua individualidade. [...] O tempo supõe

uma visão do tempo, portanto, ele não é como um riacho., ele não é como uma substância fluente” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 551).

Ele afirma que o porvir é constituído a partir do ponto de vista do observador. Se estiver num barco que segue a corrente do rio, por exemplo, o porvir será as paisagens novas que se descortinam para ele. “Portanto, o tempo não é um processo real, uma sucessão efetiva que eu me limitaria a registrar. Ele nasce de minha relação com as coisas” (MERLEAU-PONTY, *op. cit.*, p. 551).

É nessa relação com as coisas que a descrição do ritual acima precisou, de certo modo, tornar-se “límpida” a fim de apreender o vivido em estado nascente. Proporcionou também algumas intuições sobre “corpo” e “mundo” que foram exploradas nas seções anteriores. Por ora, resta-nos o tempo.

CONCLUSÕES

Refletir sobre o próprio engajamento na pesquisa tornou-se possível graças a essa interlocução com alguns autores da tradição fenomenológica, bem como resultou desse esforço constante de adotar um viés inspirado na descrição da experiência em campo. Mundo como horizonte aberto, em que o percebido e o ato de perceber se revelam constitutivos do momento de percepção (como no caso da “visão” do disco voador). Corpo enquanto sujeito cultural, implicado em uma prática que descreve o corpo como consciência encarnada. Tempo enquanto estrutura, cuja análise de suas durações, ritmos e ciclos possibilitaram apreender a atualização do conteúdo doutrinário na vivência comunitária, bem como rupturas e continuidades, como no caso do ritual xamânico descrito.

Em outros termos, o tempo vivido socialmente é constitutivo da existência, marcado por ritmos, ciclos e durações, que estruturam as redes de significações sociais. O tempo também é fenômeno de continuidade e ruptura. A continuidade que garante o progresso do yogin, a continuidade que garante o êxito em Terra Mirim e que expande o território em Figueira; a ruptura que constitui uma autonomização relativa do Sagrado, que permite haver essa abertura para experiências não-ordinárias, incomuns, culminantes. Os rituais se adéquam aos índices do tempo: é lua cheia, é 08.08, são 04h30min da manhã – momentos propícios para a ação. Momentos que fornecem a abertura para o rito, para a reflexão, e a introspecção, para a meditação. Também o tempo revela as transformações, a impossibilidade de “cristalizações”, o risco das “repetições”, o usufruto das promessas.

Quando observamos nos registros do diário de campo em Figueira, por exemplo, essa regulação do tempo marcado por horas de atividade física e horas de repouso e atividade mental, podemos perceber o quanto essa “dialética” permite a abertura a esse tempo de densidade e intensidade, próprios dos momentos de comunhão mística.

Ao estudar as relações entre visão de mundo, estilo de vida e atitude política

dos três grupos aqui relacionados, as categorias “tempo”, “corpo” e “mundo” enquanto essências postas em ato, serviram de guias para a compreensão do conteúdo doutrinário, da história e das formas de existência ali desenvolvidas. Para além e para além de uma nebulosa indiferenciada, compreender o universo das práticas místico-ecológicas é auscultar o fenômeno com os sentidos abertos à experiência, em que método é exercício de reflexividade, usando cordas, mas sem amarras.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1994.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalinas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BORGES, J. J. de S. **Yoga: imagens em três dimensões**. Salvador: EDUNEB, 1997.

_____. **Esoterismo: imagem, vivência e consumo – O extramundano na sociedade de comunicação**. 2001. Dissertação (Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

_____. **Árvores e budas: alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas**. Simões Filho-BA: Kalango, 2015.

BRUSEKE, F. J.; SELL, C. E. **Mística e sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2006.

BURGER, M. What price salvation? The exchange of salvation goods between India and the West. In: **Social Compass**. v. 53. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2006.

CAMPBELL, C. A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. **Religião & sociedade**, v. 18, n. 1, p. 5-22, 1997.

CAROZZI, M. J. A autonomia como religião. In: _____. (org.). **A nova era no Mercosul**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Otras religiones, otras políticas: algunas relaciones entre movimientos sociales y religiones sin organización central. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v.8, n. 8, p. 11-29, 2006.

CARDOSO, A. Pés na terra e cabeça nas nuvens: contornos teóricos e empíricos do misticismo contemporâneo. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 143-166, 1999.

COULON, A. **L'ethnométhodologie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

CSORDAS, T. **Corpo/significado/cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

D'ANDREA, A. A. F. **O self perfeito e a nova era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais**. São Paulo: edições Loyola, 2000.

DESIKACHAR, T. K. V. **O coração do yoga**. São Paulo: Jabuticaba, 2007.

DONE GANI, J. M. (org.). **Aux frontières des attitudes entre le politique et le religieux**. Paris: L'Harmattan, 2002.

DUMONT, L. **Ensaio sobre o individualismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FEUERSTEIN, G. **Yoga verde**: atitudes sustentáveis para mudar sua vida e salvar o planeta. São Paulo: Pensamento, 2010.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

HOLLOWAY, J. **Mudar o mundo sem tomar o poder**. São Paulo: Viramundo, 2003.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____; DAVIE, G. **Identités religieuses en Europe**. Paris: La découverte, 1996.

JONAS, H. **O princípio Vida**: fundamentos para uma biologia filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004.

JUNG, C.G. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu**. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

LASCH, C. **La culture du narcissisme**. Paris: Flammarion, 2006.

MACIOTI, M. I. **Les leaders charismatiques: quelles fonctions sociales et spirituelles?** Paris: L'Harmattan, 2009.

MAGNANI, J. G. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MERLO, V. **Os ensinamentos de Sri Aurobindo**: o yoga integral e o caminho da vida. São Paulo: Pensamento, 2010.

MICHEL, P. **Politique et religion**: la grande mutation. Paris: Albin Michel, 1994.

SIVANANDA, S. **Concentração e meditação**. São Paulo: Pensamento, 1993.

TRIGUEIRINHO, J. **Os oceanos têm ouvidos**. São Paulo: Pensamento, 2009.

_____. **Glossário esotérico**: uma obra dedicada aos tempos novos. São Paulo: Pensamento, 2003.

_____. **Aos que despertam**. São Paulo: Pensamento, 2003.

_____. **Padrões de conduta para a nova humanidade.** São Paulo: Pensamento, 2007.

_____. **Sinais de Blavatsky: um inusitado encontro nos dias de hoje.** São Paulo: Pensamento, 2007.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **Sociologie de la religion.** Paris: Flammarion, 2006.

_____. **Hindouïsme et Bouddhisme.** Paris: Flammarion, 2003.

SOBRE OS AUTORES

ANA CECÍLIA MARIA ESTELLITA LINS – Graduada em Letras – Português do Brasil. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em ensino para imigrantes e refugiados. Graduada em Administração Pública. Auditora de Controle Interno do Governo do Distrito Federal (aposentada). Áreas de interesse: educação e espiritualidade.

AURORA LOPE ALZINA – Licenciada em Ciências e Técnicas de Comunicação Social. Desde 2014 acompanha o Ensino da Mestra Ascensionada, dado pela Loja dos Irmãos Maiores, a Grande Fraternidade Branca, por meio do Ensino do “Eu Sou”. Em 2015, passa a integrar a Escola de Ensino Espiritual “Ciudad Kumara, Tú Evolución Espiritual”, dirigida por Mónica Tacca Ponteburu, que pratica, difunde, compartilha e expande o ensinamento original baixado para esta era. Desde 2019 é instrutora de Metafísica Básica nesta mesma escola de Ensino Espiritual e Esotérico.

CAROLINE VIEIRA RUSCHEL – Advogada Colaborativa, doutora em Direito (UFSC), pós-doutoranda em Ciências Ambientais (PPGCA/UNESC), membro do Laboratório de Sociedade, Desenvolvimento e Meio Ambiente (LABSDMA) e do Ateliê de Transdisciplinaridade (ATrans). Coordenadora Adjunta do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

CLAUDIA NUNES SANTOS – Professora da Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia. Atua no Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia. Vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa “Estudos Socioambientais Costeiros (UFPA) e membro dos Grupos de Pesquisa “Interações humanos-não humanos”/UFS, Etnobiologia e Patrimônio Biocultural”/UEFS e “Ecologia Espiritual”/UEFS, certificados pelo CNPq.

ERALDO MEDEIROS COSTA NETO – Professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas. Atua no Programa de Pós-graduação em Ecologia e Evolução/UEFS e no Doutorado Etnobiologia e Estudos Bioculturais da Universidade do Cauca (Colômbia). Tem experiência nos seguintes temas: etnozologia, etnoentomologia, zooterapia, herança biocultural, Ecologia Espiritual e neoxamanismo. Coordenador dos Grupos de Pesquisa “Etnobiologia e Patrimônio Biocultural”/UEFS e “Ecologia Espiritual”/UEFS, certificados pelo CNPq.

ÉRIKA FERNANDES PINTO – Formação em Ciências Naturais, com doutorado em Ciências Sociais. Atua há mais de 20 anos na área socioambiental, buscando a convergência das políticas de conservação da natureza com os direitos de povos indígenas e comunidades tradicionais. Idealizadora da iniciativa *Sítios Naturais Sagrados do Brasil*, que busca mapear esses lugares e divulgar a importância da sua proteção no país e em outros contextos latino-americanos. Integra o Grupo Internacional de Especialistas em Valores Culturais e Espirituais das Áreas Protegidas, da União Internacional para a Conservação da Natureza (CSVPA/

IUCN). Trabalha no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), onde coordena um programa voltado ao reconhecimento e integração dos valores culturais da natureza na gestão de áreas protegidas.

FABIAN AGUILAR-MORA – Master em Ciências, professor e pesquisador, Engenharia em Biotecnologia, Membro do Grupo de Pesquisa em Microbiologia Aplicada, Faculdade de Ciências da Vida, Universidade Regional Amazônica Ikiam, Equador.

FÁBIO DOS SANTOS MASSENA – Engenheiro Agrônomo, com doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Graduado em Psicologia. Professor Adjunto no Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da UESC. Experiência em extensão rural, cooperativismo, metodologia científica, psicologia ambiental e comunidades sustentáveis.

GABRIELA PASSOS MOREIRA – Prefeitura Municipal de Feira de Santana. Professora Pedagoga e especialista em Gestão Escolar e Metodologia do Ensino. Terapeuta integrativa vibracional, aromaterapeuta, taróloga e radiestesista.

GEMICRÊ DO NASCIMENTO SILVA – Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, Especialista em Metodologia e Ensino do Desenho. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana nas disciplinas História da Arte e Desenho. Coordenador do Programa de Extensão “Artes Transdisciplinares e Culturas: Repertórios Simbólicos e Ecopedagógicos no Cotidiano de Educar”.

GERALDO JORGE BARBOSA DE MOURA – Professor, Pesquisador, Escritor e Psicanalista. Vinculado à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e ao Instituto da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE/FEBRAPS/IPA). Atua nos seguintes Programas de Pós-graduação: Biociência Animal/UFRPE; Biodiversidade/UFRPE; Ciências Ambientais/UFRPE; Território, Ambiente e Sociedade/UCSAL; Ecologia Humana/UNEB.

GERALDO MILIOLI – Sociólogo, docente/pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Coordenador do Laboratório de Sociedade, Desenvolvimento e Meio Ambiente (LABSDMA) e do Ateliê de Transdisciplinaridade (ATrans) e do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

HILDO HONÓRIO DO COUTO – Pesquisador Associado da Universidade de Brasília. Professor Emérito. Atua nas seguintes áreas: contato de línguas, relações entre língua e meio ambiente (Ecolinguística). Fundador de “Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)”.

IAN FELIPE NASCIMENTO – Discente do curso de Geografia (bacharelado) na Universidade Estadual de Santa Cruz.

ISAURA AWAS REMOR MILIOLI – Bacharel em Naturologia, pós-graduada em Tanatologia. Naturóloga da Prefeitura Municipal de Laguna – SC. Integrante do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

JAMILLE FERREIRA MARQUES – Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade da UCSAL. Membro do Centro de Ecologia e Conservação Animal/UCSAL. Colaboradora do Projeto Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia/UCSAL e membro do Grupo de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos (GEHP/UFRPE).

JOÃO JOSÉ DE SANTANA BORGES – Doutor em Ciências Sociais. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, *Campus* III). Atua no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Corpoética: estudos interdisciplinares em Comunicação, Educação e Saúde”. Autor dos livros “Árvores e Budas: alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas” (2015), “Ecologia mística” (2017), “Corpoética: yoga nas escolas” (2017), “O Yogue e o Pajé nas sendas do misticismo ecológico” (2020). Professor de Yoga, iniciado no Tantra Yoga pela Amanda Marga.

LESLIE E. SPONSEL – Professor Emérito do Departamento de Antropologia, Universidade do Havaí, Honolulu. Autor do livro “Spiritual Ecology: a quiet revolution” (Praeger, 2012).

MOACIR SANTOS TINOCO – Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Católica do Salvador. Coordenador do Centro de Ecologia e Conservação Animal/UCSAL. Coordenador do Projeto Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia/UCSAL. Membro do Laboratório de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos/UFRPE. Atua junto aos Programas de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade/UCSAL e Biodiversidade/UFRPE. Membro do Grupo de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos (GEHP/UFRPE).

MÓNICA PATRICIA TACCA – Filósofa, advogada, além de leiloeira pública e corretora imobiliária. Fundadora do Grupo Ciudad Kumara, com sede em Córdoba, Argentina, agrupando pessoas de diferentes lugares. Seus áudios e vídeos encontram-se disseminados nas redes sociais, geralmente sob o título de Ciudad Kumara, Tu Evolución Espiritual, ou simplesmente Ciudad Kumara.

MONTERRAT RIOS – Doutorado em Ciências, Universidade Federal do Pará. Professora, Engenharia em Biotecnologia, Faculdade de Ciências da Vida, Pesquisadora do Grupo de

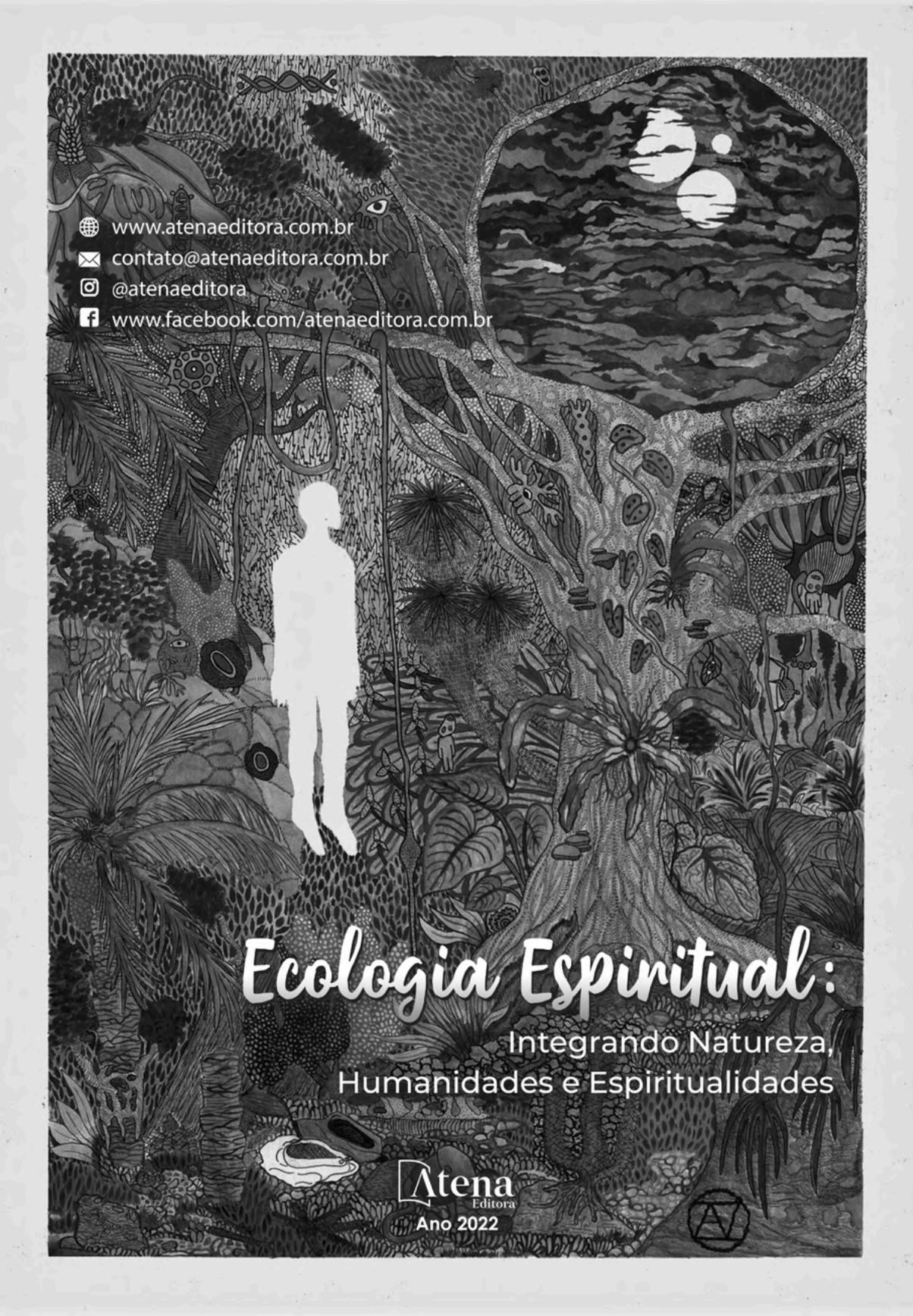
Biogeografia e Ecologia Espacial, Universidade Regional Amazônica Ikiam, Equador. Membro do Grupo Mundial de Especialistas em Plantas Medicinais, Comissão de Sobrevivência de Espécies, União Internacional para Conservação da Natureza. Colabora em iniciativas governamentais e privadas de desenvolvimento social e gestão ambiental direcionadas a melhorar a qualidade de vida das populações tradicionais nas áreas urbanas e rurais. Mestre em Programação Neurolinguística. Mestre em Filosofia da Yoga. Mestre em Reiki. Praticante de Reprogramação de DNA. Eterno Estudante do Caminho da Bíblia Sagrada.

OLGA LUCIA SANABRIA DIAGO – Doutora em Ciências, pós-doutorado em Ciências Interdisciplinares do Meio Ambiente da UNAM, México. Professora Titular do Departamento de Biologia da Universidade do Cauca, Colômbia. Coordena o Doutorado em Etnobiologia e Estudos Bioculturais da Unicauca. Membro do Grupo Etnobotânico Latinoamericano (GELA) e do Semillero de Etnobiología da Universidade do Cauca.

PAULA CHAMY – Graduada em História e em Direito, com doutorado em Ambiente e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora colaboradora do NEPAM/ UNICAMP, atuando nos seguintes temas: etnoconhecimento e etnoconservação, ambiente e sociedade, unidades de conservação de uso direto e sustentabilidade, gestão compartilhada de recursos de uso comum, políticas públicas para conservação.

RAUL FRANCO VALVERDE – Diretor acadêmico Co-op dos programas de Operações de Gestão da Cadeia de Abastecimento e Gestão de Tecnologia Empresarial. Nesta função, fornece aconselhamento acadêmico e de carreira, além de coaching para os alunos que fazem parte destes programas. Professor sênior da Concordia University e presidente do Conselho de Credenciamento de Gestão de Tecnologia Empresarial da Technation Canada. Professor Adjunto na Universidade de Quebec em Outaouai.

VICTOR HUGO QUINTO HUETOCUÉ – Ecólogo da Fundação Universitária de Popayán. Membro do Grupo Etnobotânico Latinoamericano (GELA) e do Semillero de Etnobiología da Universidade do Cauca.

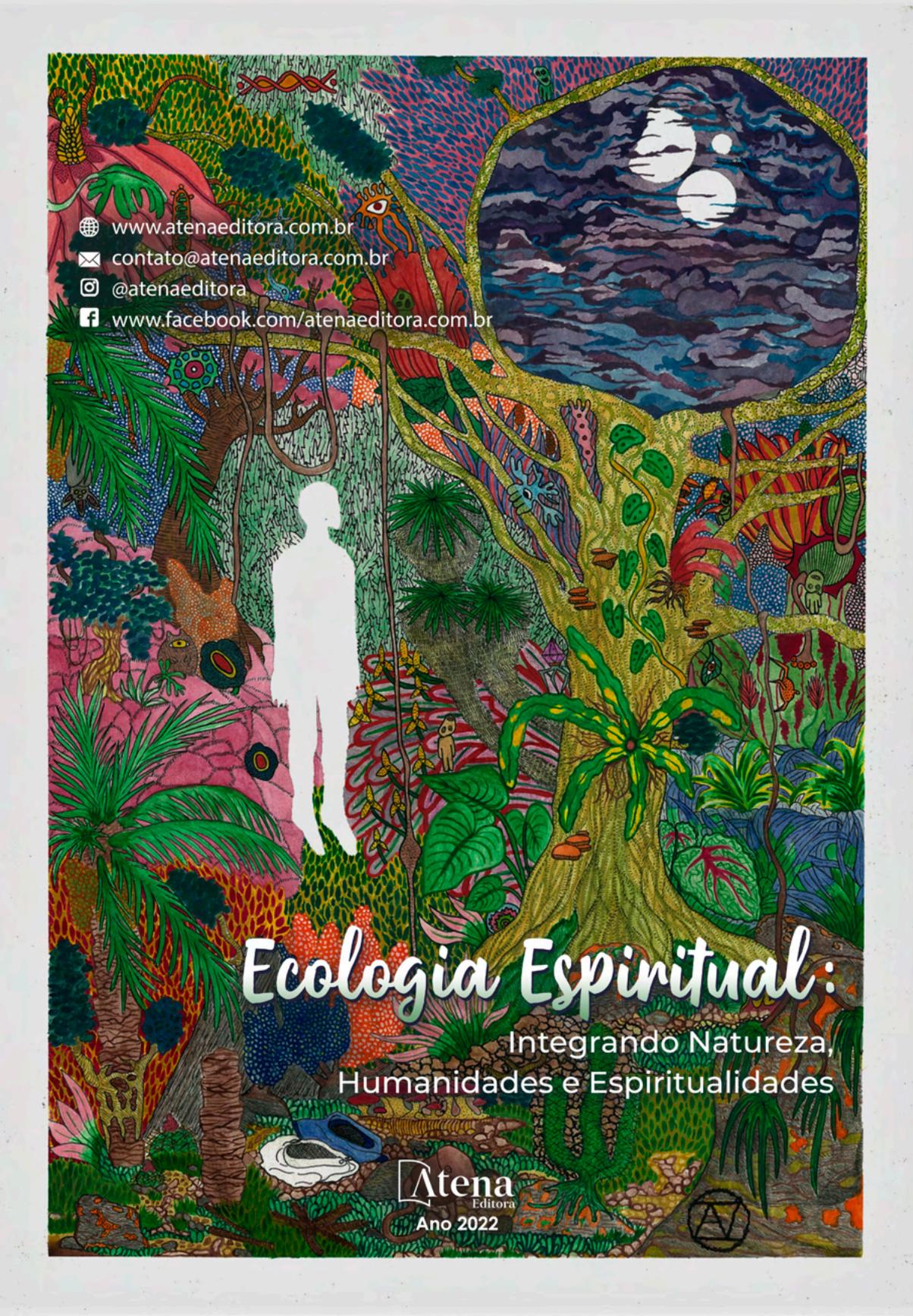


 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades


Ano 2022



www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora
Ano 2022

